

Pesquisas antropológicas urbanas no “paraíso dos naturalistas”*

Antonio Maurício Dias da Costa

Faculdade de História – Universidade Federal do Pará

RESUMO: Este texto visa discutir o “lugar” ocupado pela produção de pesquisas antropológicas urbanas na Amazônia. Partindo da constatação da diversidade de temas de interesse das pesquisas antropológicas na região, busca-se aqui delinear um percurso específico da história das pesquisas antropológicas na Amazônia: os estudos que apresentam como foco as realidades sociais urbanas. É destacada também a atuação de antropólogos “de fora” da região e sua contribuição para a formação de antropólogos nativos que desenvolveram pesquisas no contexto urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia, antropologia urbana, pesquisa etnográfica.

“A capital d’esta região, que o notável cientista inglês, Bates, chamou o paraíso do naturalista, que, desde Lacondamine até Carlos Hartt, foi perlustrada por sábios e viajantes do mais alto valor, como Rodrigues Ferreira, o nosso comprovinciano Lacerda, o glorioso Humboldt, Martius, Castelnau, o celebre Wallace, e Chandless, e Orton, e Keller, e Agassiz, para não citar sinão os mais notáveis e beneméritos de menção especial, á capital desta região impõe-se como um dever de sua civilização, como uma conseqüência de sua

situação e de seu justo prestígio a manutenção de um Museu que recolha, guarde, conserve e exponha á atenção e estudo dos naturaes e dos forasteiros as incalculáveis riquezas que em os tres reinos da natureza ella possui.” (Discurso pronunciado por José Verríssimo, Diretor geral da Instrução Pública perante o Governador do Estado, Capitão-Tenente Bacellar Pinto Guedes, por ocasião de se inaugurar o museu, restaurado em 13 de maio de 1891) (*Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Fascículo 1, Belém, 1895, pp. 5-6)

Na abertura do primeiro número do antigo *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*,¹ em 1895, foi publicado o discurso do historiador da literatura brasileira e escritor José Veríssimo Dias de Matos, que destacou a menção do naturalista inglês Henry Bates à cidade de Belém como “o paraíso do naturalista”. Neste discurso, no entanto, o paraíso dos cientistas-exploradores compunha, na realidade, a totalidade natural e humana da Amazônia. Da mesma forma, na carta circular enviada pelo zoólogo suíço Emil August Goeldi do Rio de Janeiro para o Governo do Estado do Pará em 1894 (publicada também no primeiro número do *Boletim*), foram apresentados os objetivos do periódico relacionados à pesquisa na região Amazônica: “(...) prestará igualmente toda atenção ao ramo ethnographico, visto que se trata de região altamente interessante n’este sentido” (*Boletim do M.P.H.N.E*, 1895, p. 9).

A referência ao “paraíso dos naturalistas” estava em concordância com uma nova visão do papel da instituição de receber pesquisadores estrangeiros, biólogos, zoólogos, lingüistas e, destacadamente, etnólogos, que viriam a se dedicar, em primeiro lugar, à descoberta das origens do ho-

mem americano.² A atualização dos propósitos do museu frente às novas perspectivas científicas do final do século XIX animava naturalistas e etnólogos europeus e norte-americanos sediados agora em uma instituição às portas do vasto, rico e virgem laboratório para pesquisas científicas. O museu e a cidade de Belém eram tomados então como ponto de partida, ou como instância intermediária, entre a pesquisa propriamente dita e a interlocução com a comunidade científica internacional.

Aliás, a Amazônia já vinha há muito tempo servindo como campo das grandes descobertas naturais e antropológicas (num sentido amplo) de pesquisadores estrangeiros desde o século XVIII. O discurso de José Veríssimo publicado no número inaugural do *Boletim* estava, de certo modo, em consonância com as visões genéricas sobre a Amazônia (e a cidade de Belém) que já vinham sendo produzidas desde o século XVIII.³

Este artigo, no entanto, aborda outro período, quando essas “visões genéricas sobre a Amazônia” ganham diferente conteúdo: a época de consolidação da pesquisa de campo antropológica na Amazônia desde fins da década de 1940, momento aqui apresentado como de início das pesquisas antropológicas situadas em contexto urbano. Trata-se de um período de transição, no qual lentamente os museus de ciências naturais (como o Museu Nacional e o Museu Goeldi) vêm a ceder espaço às recém-fundadas universidades como centros promotores da pesquisa acerca das realidades sociais brasileiras. A pesquisa de campo conjunta realizada por Charles Wagley e Eduardo Galvão em 1948 na cidade de Gurupá, na Amazônia, é aqui tomada como ponto de partida para o desenvolvimento dos estudos antropológicos voltados para a compreensão das dimensões culturais da vida urbana na região.

Em seguida, será destacado processo de formação de “antropólogos nativos” que realizaram experiências de pesquisa antropológicas em contextos urbanos amazônicos, na maior parte, pesquisas desenvolvidas no

âmbito da nascente Universidade Federal do Pará. Por fim, será avaliado em que medida o acúmulo de produções acadêmicas antropológicas da Universidade Federal do Pará voltadas para o contexto urbano assinalam o desenvolvimento de uma tradição acadêmica peculiar de antropologia urbana na Amazônia.

Estudos de ecologia cultural na Amazônia: a expedição de Wagley e Galvão a Gurupá

A marcante atuação de Charles Wagley e de Eduardo Galvão como antropólogos-pesquisadores de povos indígenas e de populações caboclas da Amazônia inaugurou novos caminhos para os estudos antropológicos na região. Wagley foi aluno de Franz Boas na Universidade de Columbia e tornou-se professor desta instituição a partir de 1946. Foi também o primeiro antropólogo norte-americano a se interessar pela Amazônia, iniciando suas pesquisas no Brasil em fins dos anos 1930 com os Tapirapé do norte do Mato Grosso.

Após a Segunda Guerra Mundial, Wagley passou a fazer pesquisa de campo etnológica com seu aluno de doutorado na Universidade de Columbia, o brasileiro Eduardo Galvão. Os dois empreenderam uma pesquisa de campo (entre 1941 e 1942) com os índios Tenetehara, publicada por Wagley e Galvão em 1949. Logo em seguida, os dois antropólogos realizaram, com financiamento da Unesco, uma pesquisa de campo inédita com a população cabocla da pequena cidade de Gurupá (chamada pelos autores de Itá), localizada na região do Baixo Amazonas, próxima da confluência da foz do Rio Xingu com o Rio Amazonas.

A pesquisa iniciada em 1948 resultou na publicação de dois livros: *Amazon Town (a study of man in the tropics)*, de Wagley⁴ em 1953 e *Santos e visagens (um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas)*, de

Eduardo Galvão, em 1955 (defendido como tese de doutorado em 1952 na Universidade de Columbia).

Mas para compreender os resultados alcançados, é necessário considerar as motivações e condições iniciais que propiciaram a expedição de pesquisa de Wagley e Galvão direcionada a uma “comunidade urbanizada” da Amazônia.⁵ O projeto inicial foi apresentado pelo Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, filiado à Unesco. Alfred Métraux, então funcionário da Divisão de Ciências Sociais da ONU, indicou Wagley para o trabalho, que incorporou o projeto ao Programa de Assistência Técnica do Governo dos Estados Unidos (do presidente Harry Truman), voltado para a produção de conhecimento científico sobre o meio tropical.

Da parte brasileira, havia o apoio para o projeto do Museu Nacional e a permissão do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, que encarregou Eduardo Galvão com a tarefa de fiscalizar a expedição de Wagley, de modo a garantir a “proteção do espaço físico do país”. A viagem, no entanto, engendrou uma rica experiência conjunta de pesquisa de campo, partilhada com a assistência das esposas dos pesquisadores na coleta de dados.

A expedição a Gurupá resultou, em larga medida, numa experiência de pesquisa pautada na perspectiva teórica da ecologia cultural, de acordo com a tradição boasiana do estudo dos efeitos do meio ambiente sobre a cultura. Galvão e Wagley buscavam verificar as formas pelas quais a cultura, como parte do ambiente constituído pelo homem, é produzida por meio da adaptação ao ambiente natural.⁶ Num sentido amplo, Wagley destaca a importância do seu trabalho⁷ como um suporte científico à atuação dos planejadores políticos e econômicos. Isso explica, segundo o texto de Wagley, a atenção conferida às condições de vida do homem nos trópicos, tal como elas se revelam não só pelos meios de

subsistência, mas também pelas relações familiares e religiosas, festas, conhecimentos tradicionais e práticas terapêuticas.

Da mesma forma, na pesquisa de Eduardo Galvão, o estudo da vida religiosa dos moradores da cidade considera, sobretudo, a influência das “técnicas e modalidades de exploração do meio geográfico” refletidas na vivência religiosa. Assim, as crenças e práticas mágicas derivadas dos índios teriam sido historicamente associadas de forma assimétrica a elementos correspondentes dos novos povoadores da região (portugueses e africanos), o que veio a transformar a vida religiosa em denominador comum das relações sociais entre ribeirinhos, caboclos, roceiros e gente da cidade. Para Galvão, o conhecimento botânico e seu uso terapêutico têm correspondência direta com a religiosidade popular e com as concepções acerca do sobrenatural, associadas ao universo dos rios e das matas. A vida religiosa, portanto, poderia ser tomada como exemplo característico do processo de adaptação do homem ao ambiente tropical.

É possível também compreender as análises de Galvão e Wagley relativas à adaptação do homem aos trópicos por meio da perspectiva do *continuum folk-urbano*, no sentido desenvolvido por Robert Redfield (1949). Na obra de Redfield, *folk* e urbano correspondem respectivamente a aldeia e cidade como pólos ideais. Nos estudos sobre as dimensões da vida social em Gurupá, emerge a figura do caboclo como o produto da fusão cultural principalmente entre índios e portugueses.⁸ Para Galvão, o caboclo⁹ é um biótipo fisicamente híbrido, forjado pelas influências sociais e culturais que atuam sobre o homem no *continuum* aldeia-cidade e, ao mesmo tempo, é aquele que pertence às camadas sociais mais baixas da população rural da Amazônia. Nas duas etnografias são destacadas as demarcações sociais e hierarquias entre as pessoas da cidade e os caboclos (ribeirinhos e trabalhadores rurais).

Apesar das orientações diferentes em relação ao objeto de pesquisa,¹⁰ as pesquisas de Wagley e Galvão em Gurupá tinham como foco o entendimento do modo de vida de uma população específica no ambiente natural da Amazônia. Seus estudos focam a “comunidade” local como uma unidade específica de um sistema social maior (a ocupação humana da Amazônia). O estudo do “modo de vida tropical” daquela população mestiça, cabocla, da Amazônia, revela um processo de mudança cultural que se movimenta entre os marcos culturais ameríndios e urbano-ocidentais, e se associam na formação do sistema social na região. Em linhas gerais, é destacada a ausência de altos níveis de discriminação racial, correspondendo os pólos sociais entre “brancos” e “índios” a posições intermediadas por tipos sociais híbridos associados à figura genérica do caboclo, personagem intermediário entre a cidade e a aldeia.¹¹

Estes foram os estudos antropológicos pioneiros a enfocar a realidade urbana na Amazônia, numa época em que a visão da região como um “vazio populacional” começou a se modificar, especialmente a partir de fins da década de 1950, quando se fez cada vez mais notória a presença de migrantes ao longo de rodovias, abertas a partir de então. Estas mudanças contribuíram para a reorientação dos temas de pesquisas antropológicas na região, tais como as situações de contato entre povos indígenas e sociedade nacional e a dinâmica sociocultural das populações caboclas.

Além disso, outro fator também teve grande importância na ampliação dos campos de interesse da pesquisa antropológica na região: a atuação de Eduardo Galvão como antropólogo vinculado à região por meio do Museu Paraense Emílio Goeldi¹² e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Pará.

Ensino e pesquisa em antropologia na era da universidade

Em 1947, foi fundado o Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará¹³ por iniciativa de um conjunto de intelectuais locais, dentre eles jornalistas, médicos, arqueólogos e folcloristas. O Instituto,¹⁴ por sua vez, contribuiu para a criação do quadro docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, fundada em 1955. O projeto de políticos e intelectuais locais de criação no Pará de uma Faculdade de Filosofia datava de 1946, mas somente se concretizou em 1955, seguindo os moldes da Faculdade de Filosofia de São Paulo. A faculdade oferecia um curso de Letras Clássicas, cuja formação contemplava as áreas de História e Geografia. Intelectuais oriundos do Instituto foram incorporados na Faculdade, como o professor Armando Bordallo da Silva, médico e folclorista, responsável pela cátedra de Etnologia e Etnografia do Brasil.¹⁵ Também em 1955, o recém-doutor em Antropologia, Eduardo Galvão, partilhou a cadeira de Etnologia na Faculdade com Armando Bordallo.

Galvão transferiu-se, no entanto, para o Museu Goeldi no mesmo ano de 1955, a convite da direção, para chefiar a Divisão de Antropologia. No seu primeiro período de permanência no museu, entre 1955 e 1963, Galvão promoveu a definição das linhas de pesquisa antropológica em três campos: Etnologia Indígena, Arqueologia e Lingüística. Também neste período, estimulou a vinda e a permanência no museu de antropólogos interessados em pesquisar a realidade amazônica. Dentre os pesquisadores que se incorporaram à instituição durante sua chefia destacam-se Protásio Frikel, Mário Simões, Roberto Las Casas e Klaas Woortmann.

Data desse período o contato de Eduardo Galvão com Arthur Napoleão Figueiredo, Capitão R/2 do Exército e, desde 1955, estagiário da Divisão de Antropologia do Museu Goeldi. Figueiredo possuía vivo interesse em Etnologia Indígena desde seu contato com o antropólogo

Darcy Ribeiro no período em que este assumiu a chefia da seção de estudos do Serviço de Proteção ao Índio no Pará, entre 1954 e 1955. São dessa época alguns estudos publicados de Figueiredo sobre cerâmica pré-histórica da Amazônia. A partir de 1960, Napoleão Figueiredo assumiu a cadeira de Etnologia e Etnografia do Brasil na Faculdade de Filosofia. Aliás, havia sido criado na faculdade, em 1957, um curso de Ciências Sociais. Em 1958, a instituição foi federalizada, compondo o que passaria a ser, daquele ano em diante, a Universidade Federal do Pará.¹⁶

Em 1961, Figueiredo realizou sua primeira experiência de campo, acompanhado pelo antropólogo e missionário franciscano Protásio Frikel, junto aos índios Aramagoto do rio Paru, Oeste do Pará. A experiência de campo de Figueiredo ocorreu num período em que a Divisão de Antropologia do Museu Goeldi incentivava as proposições de pesquisas de campo etnológicas e de estudos das populações regionais, principalmente rurais, dentre pescadores, agricultores, dentre outros.

A trajetória docente de Napoleão Figueiredo na área de Antropologia é notória por seu interesse em formar profissionais da área com base na experiência de pesquisa de campo. Sua trajetória foi marcada tanto pela atuação como pesquisador quanto na função de professor-orientador, tendo coordenado até mesmo pesquisas feitas em parceria com alunos que viriam a se tornar seus colegas na Faculdade, como a jovem antropóloga Anaíza Vergolino.¹⁷

A produção de uma “antropologia na cidade”

Anaíza Vergolino (ao lado de Napoleão Figueiredo) passou a desempenhar um papel destacado na constituição de um campo de pesquisas antropológicas urbanas no Pará com a apresentação de alguns resultados de sua pesquisa, desenvolvida em parceria com Napoleão Figueiredo,

na VII Reunião da ABA de 1966, realizada em Belém, em conjunto com o Simpósio Internacional sobre a Biota Amazônica.¹⁸ Vergolino e Figueiredo apresentaram o trabalho “Alguns elementos novos para o estudo dos Batuques de Belém”, que sobressaía como uma temática singular no evento, considerando-se que os demais trabalhos estavam inseridos em áreas como lingüística dos povos indígenas, situações de contato e organização e estrutura social dos Jês setentrionais.

O estudo de Vergolino e Figueiredo enfocava as casas de culto afro de Belém, reivindicando a cultura religiosa africana na Amazônia como um novo e rico campo de pesquisa antropológica.¹⁹ O trabalho foi realizado principalmente nas ruas e “passagens” do populoso bairro do Guamá, além das visitas semanais feitas a um terreiro de Umbanda no bairro da Pedreira e a uma tenda umbandista no bairro do Curió. A pesquisa promoveu o levantamento de entrevistas, peças para coleção museológica, documentação fotográfica, além de ser baseada na vivência das ruas, casas e botecos da periferia. O trabalho contribuiu para a aproximação da comunidade religiosa afro-brasileira de Belém dos pesquisadores-antropólogos da UFPA, alcançando inclusive repercussão na imprensa local.

Esta experiência de pesquisa é assinalada pelo pioneirismo em associar o estudo de práticas religiosas à dinâmica social urbana. De todo modo, a cidade é apresentada na pesquisa apenas como o cenário onde se movimenta o foco da análise, tendo sido privilegiado o universo particular dos terreiros e tendas de umbanda, percorridos no itinerário labiríntico das ruas e passagens da periferia de Belém nos anos 60.

Temos aqui um exercício de pesquisa urbana semelhante ao que Magnani (1996) identifica como Antropologia *na* Cidade, na medida em que aplica o “padrão aldeia”²⁰ da pesquisa antropológica ao estudo de práticas sociais visualizadas no cenário da cidade, presente na etnografia como uma espécie de segundo plano. Magnani propõe como al-

ternativa uma Antropologia *da* Cidade, perspectiva que não separa os atores sociais das suas relações com a cidade, considerando-se a fusão de práticas culturais a condições específicas de uso e atribuição de significados ao espaço urbano.²¹ Retornaremos a esta questão no final do texto de modo a analisar em que medida a crescente produção de pesquisas antropológicas na região assinala o desenvolvimento de uma tendência particular de estudos urbanos.

Voltemos ao percurso acadêmico de Anaíza Vergolino e sua parceria com Napoleão Figueiredo.

A experiência de pesquisa com os “Batuques de Belém” foi um primeiro passo que culminou na produção da dissertação de mestrado (A. Silva, 1975), orientada pelo antropólogo inglês Peter Fry na Universidade Estadual de Campinas em 1975. A pesquisa sobre a Federação Espírita Umbandista do Pará centrou-se sobre o estudo da organização institucional da Federação, destacando os conflitos internos em torno da “legalidade oficial” imposta pelo Estado no contexto da ditadura militar. Ao mesmo tempo, tal situação de legalidade seria marcada pela permanência de estigmatização social, embora isso não resultasse em segregação de classe social, cor ou ocupação dos seus participantes.

Voltando à década de 1960, data dos anos de 68 e 69 a pesquisa conjunta de Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino, vinculada ao Museu Goeldi, sobre a integração de elementos culturais dos indígenas Anambé do Alto Rio Caiari com a população cabocla das proximidades, vinculada ao município de Moju, no Pará. Conforme descrição da pesquisa em sua publicação (Figueiredo & Silva, 1972), os Anambé, situados na aldeia Yacy-Tatã do Alto Caiari eram pouco numerosos, compondo 20 índios e 2 mestiços. Em contrapartida, a religiosidade, os mitos e as lendas cultivados pela população cabocla da região eram fortemente marcados por reminiscências indígenas, tais como a atuação de pajés e curadores (praticantes de banhos e defumações de origem indígena), as

crenças em visagens e em bichos visagentos (curupira, fogo do mar, anhangá, boto).

Ao mesmo tempo, verificou-se em campo a presença das religiões pentecostais como desagregadora da religiosidade popular que incluía o substrato indígena. Nesse ponto, os autores destacam que as frentes de penetração da diversidade da sociedade nacional promovem o desaparecimento ou a rarefação das tradições populares. Por outro lado, apesar das mudanças, as práticas tradicionais associadas à religiosidade cabocla na região mantinham-se vivas graças à sobreposição das crenças católicas como filosofia da vida às crenças de origem indígena. Os santos populares do catolicismo são apresentados como protetores do homem e de suas comunidade, mas cuja atuação é impotente relativamente às forças sobrenaturais da floresta e dos rios, domínio das entidades de procedência indígena ou cuja caracterização foi reformulada pelos cultos afro-brasileiros.

Observemos que esta pesquisa seguiu a perspectiva originada pelos trabalhos de Wagley (1953) e Galvão (1976[1955]) de focar as transformações culturais do processo de contato com povos indígenas e frentes de colonização, resultando na constituição das populações caboclas tipicamente amazônicas. A conclusão da pesquisa da Figueiredo e Silva (1972) de que as crenças da religiosidade popular no Alto Rio Caiari resultam da adaptação das crenças populares do colono português associadas às práticas religiosas indígenas e afro-brasileiras, está perfeitamente inserida na perspectiva do *continuum folk*-urbano.

Essa pesquisa contribuiu para transformar o estudo da religiosidade popular cabocla na Amazônia em um campo original de pesquisas antropológicas desenvolvidas por pesquisadores nativos. Aliás, em fins dos anos 1960, o Museu Goeldi, em parceria com a Universidade de São Paulo e o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), também de São Paulo, criaram um Centro de Estudos Sociais e Culturais

da Amazônia, que ofereceu um curso de aperfeiçoamento teórico e metodológico de bacharéis e licenciados em História e Ciências Sociais. Vários dos novos antropólogos que viriam a ser contratados pelo Museu Goeldi e pela UFPA²² na década de 1970 foram provenientes desse curso de aperfeiçoamento, dentre eles os professores Eneida Assis, Maria Angélica Motta-Maués, Raymundo Heraldo Maués, Romero Ximenes Ponte e Manoel Alexandre Cunha.

A década de 1970 foi o período da publicação de trabalhos de Napoleão Figueiredo que consolidaram o campo de estudos antropológicos urbanos no Pará. Figueiredo publicou em 1976 na *Revista de Cultura do Pará* um artigo, por ele denominado de “nota prévia”, intitulado “Pajelança e Catimbó na Região Bragantina” (Figueiredo, 1976). A pesquisa de campo se concentrou na periferia da cidade de Bragança, antigo núcleo populacional datado de 1753 da região nordeste do Pará. Figueiredo enfocou o estudo das relações entre Pajelança amazônica e Catimbó nordestino²³ na região, considerando o histórico de forte migração nordestina para a região desde 1875. No início do texto, o autor faz uma descrição da paisagem urbana e destaca o histórico da inserção do catimbó nordestino na região, no apogeu do ciclo da borracha. Em seguida, afirma que a pajelança urbana foi forçada pela Igreja Católica, na segunda metade do século XX, a se afastar para as colônias agrícolas no entorno da cidade, sendo caracterizada pela abertura de tendas e searas de Umbanda e terreiros de Batuque. Isto ocorreu ao mesmo tempo em que esta prática era legalizada por alvarás de funcionamento fornecidos pela Secretaria de Segurança Pública do Estado aos terreiros, tendas e searas filiados à Federação Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará.

Na maior parte do artigo, Figueiredo faz uma descrição das “sessões de mesa” dirigidas por pajés e curadores, detalhando as consultas, a administração e a prescrição de ervas, raízes, sementes, defumações e lava-

gens. Por fim, a pajelança/catimbó de Bragança é apresentada como conjunto de crenças religiosas cuja matriz indígena foi reformulada pelo catolicismo popular e pelos cultos afro-brasileiros. Os resultados deste estudo acentuaram a perspectiva ensejada por Napoleão Figueiredo de que a Antropologia na Amazônia devia se dedicar ao mundo das culturas espoliadas, tanto as dominadas e reprimidas (índios aculturados e caboclos; cultos afro e cultura negra), quanto às subalternas (cultura popular/folclore).

Dentro dessa mesma orientação, foi produzida a pesquisa etnográfica de Figueiredo em Belém sobre medicina popular,²⁴ intitulada “Rezadores, Pajés e Puçangas” e publicada em 1979. O estudo trata do uso de ervas, raízes, cascas, defumações, banhos, dentre outros, denominados popularmente de “puçangas” – vendidos nas feiras de Belém, especialmente a feira do Ver-o-Peso – como medicamentos do receituário popular ligados a procedimentos religiosos vinculados a Umbanda, ao Batuque e à Pajelança. Nesta obra, Figueiredo adota a perspectiva de Tambiah (1973) de que as “estruturas normativas da medicina popular” são autênticas quando se considera que o contexto da cultura religiosa que envolve estas práticas curativas está assentado na realidade ritual/cerimonial da vida social. Desse modo, a venda e o uso de produtos da medicina popular na Belém da década de 1970 estariam fundamentalmente assentados no universo das crenças religiosas vivenciadas pela população da cidade.

A pesquisa de Figueiredo registrou as formas de coleta de produtos da flora e da fauna da região, sua produção (cultivo), seu transporte para as bancas de feiras, mercados e ervanarias, bem como detalhou as prescrições e venda dos produtos, apresentando a rede social que envolve esses procedimentos. Ao mesmo tempo, o pesquisador considerou estes elementos incluídos no contexto de “experimentos religiosos” urbanos de Belém, uma vez que os chamados “puçangueiros” – vendedores de

ervas (e demais produtos), curadores e pajés - estavam vinculados ao universo das práticas curativas da Umbanda, do Batuque e da Pajelança. O conhecimento dessas práticas, aprendidas como “arte” ou herdadas como “dom”, era exercitado nas consultas a rezadores e pajés ocorridas nos bairros periféricos de Belém (Pedreira, Guamá, Jurunas e Marco). A maioria dos puçangueiros era composta de pessoas nascidas na cidade, mas oriunda de famílias provenientes do interior do estado, principalmente de municípios próximos à capital. A clientela dos puçangueiros, vendedores ou curadores, se dividia entre o que o autor denominou de “proletariado urbano”, habitante das regiões pobres da cidade, compondo a maioria dos clientes e, minoritariamente, pessoas da “classe média”.

No contexto da década de 1970, já era escassa a presença de rezadores e pajés na cidade, muito mais presentes na memória da população mais idosa. O autor demarca a década de 1940 como o período do declínio da presença de puçangueiros famosos, na medida em que entra em declínio a prática da pajelança na cidade. Concorria para tal fundamentalmente o desenvolvimento da urbanização, que afastou os rezadores para a periferia, e a difusão de outros experimentos mediúnicos (Umbanda, Kardecismo e esoterismo oriental, por exemplo) que contribuíram para a absorção dos pajés e seus potenciais iniciantes.²⁵

O “lugar” das pesquisas antropológicas urbanas na Amazônia

Como demonstram as pesquisas apresentadas acima, a Universidade Federal do Pará tornou-se, a partir da década de 1970, um centro importante de formação local de profissionais de Antropologia (ao lado do Museu Goeldi), principalmente por associar o ensino das teorias e meto-

dologias antropológicas à realização das pesquisas de campo.²⁶ Os professores incorporados ao quadro do Departamento de Antropologia na década de 1970 como Professores Auxiliares de Ensino foram estimulados a seguir a formação acadêmica em programas de mestrado e doutorado em Antropologia de importantes universidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, ampliando assim os campos de interesse da pesquisa antropológica na região.

Em grande medida, a linha de pesquisa “Simbolismo, Religião e Saúde” está ligada à gênese das atividades científicas dos antropólogos oriundos da Faculdade de Filosofia neste período. Segundo Maués (2006, p. 17), esta linha teve sua origem nos estudos desenvolvidos na antiga faculdade, ligados ao Laboratório de Etnologia e Etnografia criado por Napoleão Figueiredo. Os estudos sobre catolicismo popular e pajelança das populações rurais amazônicas, e mais tarde sobre a religiosidade afro-brasileira no contexto urbano de Belém, abriram caminho para outras pesquisas com temas diversos, porém, situadas preferencialmente no cenário urbano.

As pesquisas produzidas por professores do Departamento de Antropologia,²⁷ a partir de fins da década de 1970 e ao longo da década de 1980, resultaram da conclusão de seus cursos de mestrado e doutorado. Exemplo dessas produções foram os trabalhos de Beltrão (1979), Piñon (1982) e Cunha (1989). Podemos tomar a dissertação de Beltrão (1979) como um exemplo da perspectiva de uma antropologia *na cidade*,²⁸ isto é, que toma a cidade como cenário onde são estabelecidos recortes de estudo de campo etnográfico. Sua pesquisa com mulheres trabalhadoras empregadas em cinco usinas de beneficiamento de Castanha-do-Pará (localizadas às margens do Rio Guamá em Belém) focalizou as representações sobre o corpo construídas pelas operárias, considerando seu referencial cultural e as interferências culturais que atuam sobre a forma como elas apresentam seus corpos. Temos aqui um exemplo de um re-

corde de estudo antropológico no interior do conjunto complexo de relações sociais, produções e interações culturais tipicamente urbanas.

Algumas teses e dissertações subseqüentes da década de 1990 de professores do Departamento de Antropologia seguiram essa trilha desenvolvida na década anterior, mas marcadas pela diversidade temática, como no caso dos estudos de Gonçalves (1999), D. Silva (1991) e Cancela (1997). Acompanhando o desenvolvimento da qualificação dos professores do departamento foram realizadas sete versões de um Curso de Especialização em Teoria Antropológica²⁹ ao longo da década de 1990. A experiência do curso de especialização contribuiu para a construção de um programa de mestrado, inaugurado em 1994, que tinha como objetivo: “(...) qualificar recursos humanos capazes de estudar a realidade local e gerar conhecimentos que se adaptem às peculiaridades e dimensões das questões regionais” (Beltrão, 2006, p. 8).

De fato, as dissertações e teses dos professores do Departamento de Antropologia se concentraram, na maioria, em torno das temáticas como religião e religiosidade popular, cultura afro-brasileira e universo socio-cultural das comunidades caboclas amazônicas. Uma quantidade menor desses trabalhos³⁰ (por exemplo, os que foram destacados acima) situou-se no estudo antropológico de realidades urbanas, tais como criminalidade urbana, eventos folclóricos, representações de trabalho e corpo, relações de gênero, festividades religiosas etc.

É possível afirmar, no entanto, que apesar da diversidade temática presente nessa produção de menor escala, ela serviu como base para orientação de pesquisas subseqüentes, produzidas por alunos de especialização e de mestrado em Antropologia, filiadas ao campo dos estudos urbanos.

A partir dos anos 1990, os trabalhos produzidos pelos alunos destes professores na Especialização e no Mestrado de Antropologia³¹ apresentaram, de forma acentuada, uma tendência em direção a uma antropo-

logia urbana, isto é, que destaca as peculiaridades socioculturais da realidade urbana como conformadora da diversidade.

Para além das motivações de ordem pessoal,³² visualizamos um sentido de continuidade que liga as pesquisas mais recentes dos alunos de pós-graduação à matriz do experimento de Vergolino em torno dos “Batuques de Belém”, sob a orientação de Napoleão Figueiredo. Trata-se de uma tendência voltada para o estudo da realidade sociocultural vivenciada pelos próprios pesquisadores, marcada pelo interesse em “estranhar o familiar”.

Segundo Beltrão (2006, p. 10), mais de 30% das dissertações produzidas no Mestrado de Antropologia entre os anos 1994 e 2004 trataram de temas variados inseridos no contexto urbano. Os campos de pesquisa desses trabalhos variaram entre instituições filantrópicas, associações de moradores, igrejas, bordéis, ruas, dentre outros. Os temas, por seu turno, focalizaram a ação de tribos urbanas, a organização de gangues juvenis, práticas de lazer na periferia, festas populares, educação popular etc.³³

Esses estudos exercitam a compreensão de práticas culturais específicas (sociabilidade juvenil, vivência religiosa, atividades de lazer, dentre outros) na escala da grande cidade, constituída na realidade histórico-cultural amazônica. De certa forma, os resultados dessas pesquisas assinalam que as condições da vida urbana atribuem novas dimensões ao estudo desses temas, cada vez mais distanciados do “padrão aldeia” na pesquisa de campo.

As tendências contemporâneas das pesquisas urbanas em antropologia na Amazônia, e especificamente no Pará, estão marcadas pelo intercâmbio cada vez mais intenso com outros centros de formação de Antropólogos no Brasil como USP, UnB, Unicamp, UFPE, UFRJ, dentre outros. Isso contribuiu para um aprofundamento teórico e metodológico relativo às investigações no campo da Antropologia Urbana e para

um enriquecimento da compreensão das múltiplas dimensões socioculturais da Amazônia, cada vez mais visualizada localmente por antropólogos em formação como um “paraíso” dos antropólogos urbanos.

Notas

- * Agradeço a Anaíza Vergolino e Jane Beltrão, antropólogas e professoras do Departamento de Antropologia da UFPA, várias vezes citadas neste texto, pelas preciosas contribuições para este artigo, tanto na forma de indicações (e doações) bibliográficas quanto no fornecimento de informações sobre a história da Antropologia no Pará.
- ¹ O núcleo formador do que viria a ser o Museu Paraense foi fundado em 1866 por iniciativa do naturalista Domingos Soares Ferreira Penna e de um grupo de intelectuais locais sob o nome de Associação Philomática. Em 1871, o Museu Paraense foi vinculado oficialmente à Província do Grão-Pará. A falta de recursos e de profissionais nesta primeira fase levou o museu, em 1889, ao seu fechamento. A modernização da instituição ocorreu no período republicano, quando se implementou uma política de recuperação do museu, reinaugurado em 1891 em nova sede, no edifício do antigo Liceu Paraense. O governo do Pará contratou o zoólogo Emil Goeldi em 1894 para dirigir o museu. Em 1895, ano do lançamento do periódico da instituição, o museu passou a ocupar o terreno da Rocinha de Bento José da Silva Ramos, onde se situa até os dias de hoje. Sobre isto ver Silva e Sousa (2007).
- ² Ainda no discurso de José Veríssimo, de 1891: “Quem sabe, senhores si, aqui não está a chave de um dos enigmas mais excitantes da curiosidade científica d’estes tempos: a origem do homem americano? Quem sabe si os *mounds* de Maracá e de Marajó, cujo estudo não foi ainda com todo o rigor científico feito, quem nos diz que o *muirakitan*, os restos da maravilhosa cerâmica d’essa gente apenas sabida, não nos dará um dia um elemento importante á solução d’esse problema?” (*Boletim do M.P.H.N.E*, 1895, pp. 6-7, grifos do autor).
- ³ Maués (1999, p. 19) afirma que: “São várias formas de identidade atribuídas à região e a seus habitantes, isto é, outras tantas ‘invenções’ da Amazônia, que muitas vezes são assumidos pelo próprios nativos. Expressões que se tornaram famosas,

como ‘Mar Dulce’, ‘País do Eldorado e da Canela’, ‘País das Amazonas’, ‘Última página do Gênesis’, ‘Terra Encharcada’, ‘O rio comanda a vida’, ‘Inferno Verde’, ‘Anfiteatro Amazônico’ e muitas outras, que seria fastidioso citar, representam não só formas de ‘inventar’ preconceituosamente a Amazônia, de rotular seus nativos, como também de atribuir identidade – freqüentemente negativa – aos amazônidas.” Ver também, sobre as visões hiperbólicas e estereotipadas sobre a Amazônia, a dissertação de mestrado de Ponte (2000).

- ⁴ A publicação brasileira desta obra é de 1957 (ver bibliografia).
- ⁵ As informações apresentadas acerca da preparação da expedição de Wagley e Galvão a Gurupá foram consultadas em Domingues (2008).
- ⁶ No mesmo sentido ensejado por Steward (1955, p. 31).
- ⁷ Especialmente no último capítulo, intitulado “Uma comunidade de uma área sub-desenvolvida”.
- ⁸ Galvão sustenta em sua obra a tese da presença africana rarefeita na Amazônia, ao inverso do que ocorreu na história da colonização de outras regiões do país.
- ⁹ Sobre a concepção de caboclo de Eduardo Galvão ver O. SILVA (2007), especialmente o capítulo quarto. Para uma discussão sobre a noção de caboclo numa perspectiva bibliográfica mais ampla, ver Rodrigues (2006).
- ¹⁰ A etnografia de Wagley é apresentada segundo o formato clássico de um estudo da totalidade do universo sociocultural da população de Gurupá. Galvão, por sua vez, escolheu realizar sua etnografia pela trilha da vida religiosa, mas ao mesmo tempo relacionada com a totalidade da vida social da população local.
- ¹¹ Para um balanço recente do debate acadêmico acerca da figura do caboclo nas sociedades amazônicas, ver Adams, Murrieta e Neves (2006).
- ¹² Novo decreto estadual de 1930 alterou novamente o nome da instituição para Museu Paraense Emílio Goeldi.
- ¹³ Todos os dados a seguir foram consultados em A. Silva (1998, 2006) e Maués (1999), especificamente no capítulo 1 deste último, intitulado “Memória da antropologia da Amazônia ou Como fazer ciência no ‘paraíso dos etnólogos’” (Maués, 1999, pp. 27-54).
- ¹⁴ Que se vinculou ao Museu Goeldi na década de 1960.
- ¹⁵ As demais cadeiras antropológicas na Faculdade de Filosofia eram as de Antropologia Física e de Antropologia Cultural.

- ¹⁶ A transferência das faculdades que viriam a compor a universidade para um mesmo *campus* só ocorreria a partir de 1963, quando se iniciaram as obras do que ficou conhecido como Núcleo Pioneiro do Guamá, atual Campus Universitário do Guamá. Além da Faculdade de Filosofia, a nova universidade resultou da reunião das faculdades preexistentes de *Medicina, Direito, Farmácia, Engenharia, Odontologia, e Ciências Econômicas e Contábeis*.
- ¹⁷ Anaíza Vergolino foi contratada como professora assistente de Antropologia da Faculdade de Filosofia em 1966, juntamente com os professores José Ubiratan Rosário e Nilza Fialho.
- ¹⁸ O Simpósio foi patrocinado pelo CNPq e pelo Smithsonian Institution na data de comemoração do centenário de criação do Museu Paraense Emílio Goeldi.
- ¹⁹ Contrariando a tese da presença africana escassa na Amazônia, Vergolino-Henry e Figueiredo (1990) realizaram uma pesquisa em fins da década de 1970 que levantou considerável documentação do Arquivo Público Estadual comprobatória do proporcionalmente vultoso fluxo de africanos para a região no período colonial. A pesquisa, no entanto, só foi publicada em 1990. Logo em seguida à realização desse levantamento o historiador e folclorista paraense Vicente Salles publicou (em 1971) uma obra que se tornou referência para o resgate da importância demográfica e cultural da presença africana na Amazônia, intitulada “O Negro no Pará sob o regime da Escravidão” (Salles, 1988).
- ²⁰ No sentido de observação participante realizada junto a pequenos grupos sociais bem delimitados culturalmente e espacialmente.
- ²¹ “(...) não se pode ignorar (...) que ao menos nos grandes centros a dinâmica das práticas culturais não fica imune diante da *escala* da metrópole. Descobrir e avaliar o grau de interferência que essa variável impõe àquelas práticas, eis um desafio para a Antropologia contemporânea e seu enfoque ‘microscópico’” (Magnani, 1996, p. 50).
- ²² A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Pará foi oficialmente extinta em 1972 pela Reforma Universitária e suas cátedras foram transformadas em disciplinas. A disciplina de Antropologia Física foi transferida, no mesmo ano, para o Departamento de Morfologia do Centro de Ciências Biológicas. Data também desse ano a transferência do acervo das coleções etnográficas e dos recursos humanos da Faculdade de Filosofia para o Núcleo Pioneiro do Guamá.

- ²³ Ambos tomados como cultura religiosa híbrida de elementos indígenas, africanos e do catolicismo popular.
- ²⁴ Figueiredo (1979, p. 1) define medicina popular como: “(...) conjunto de práticas mágicas, cerimoniais e rituais persuasivas, baseadas no pensamento simbólico, utilizadas pelos povos de todo mundo para a prevenção, classificação, diagnóstico e tratamento das enfermidades.”
- ²⁵ “Os ‘Encantados’ que povoavam o mundo sobrenatural nas sessões de Pajelança da ‘Gostosa Belém de Outrora’ desapareceram e emergem reformulados nos experimentos religiosos do Batuque, da Cura e da Umbanda, habitando as ‘Encantarias’ localizadas acima das nuvens e abaixo do céu, da cidade grande.” (Figueiredo, 1979, p. 84).
- ²⁶ Embora a Divisão de Antropologia do Museu Goeldi ofereça regularmente cursos de formação e aperfeiçoamento de antropólogos.
- ²⁷ A instalação do Departamento de Antropologia no Núcleo Pioneiro do Guamá ocorreu no início da década de 1970. Em 1983, aposentou-se o professor Napoleão Figueiredo, que veio a falecer em 1989. Em 1990 foi inaugurado o Laboratório de Antropologia “Arthur Napoleão Figueiredo” (LAANF), que passou a abrigar o Departamento de Antropologia, o acervo do antigo Laboratório de Etnologia e Etnografia (na sua Reserva Técnica) e, a partir de 1994, o Programa de Mestrado em Antropologia Social.
- ²⁸ Em seu capítulo de abertura, intitulado “Quando o campo é a cidade”, Magnani (1996) faz uma caracterização crítica do que apresenta como uma “Antropologia da Cidade” e a “tentação da aldeia”. Ao mesmo tempo, propõe, em seu lugar, a adoção de recortes de pesquisa que considerem todas as dimensões da dinâmica urbana: “No caso da pesquisa antropológica em contexto urbano, está sempre presente, contudo, a ‘tentação da aldeia’, que é a de encarar o objeto de estudo – uma festa, um ritual, um bairro, uma religião – como uma unidade fechada e autocentrada.” (*ibid.*, p. 47); “Recortar um objeto ou tema de pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos que mantém com as demais dimensões da dinâmica urbana, em especial, e da modernidade, em geral” (*ibid.*, p. 47); “O que caracteriza o fazer etnográfico no contexto da cidade é o duplo movimento de mergulhar no particular para depois emergir e estabelecer comparações com outras experiências e estilos de vida – semelhantes, diferentes, complementares, conflitantes – no

âmbito das instituições urbanas, marcadas por processos que transcendem os níveis local e nacional.” (*ibid.*, pp. 48).

²⁹ As informações apresentadas deste ponto em diante foram consultadas em Beltrão (2006).

³⁰ Apresentamos aqui somente as teses e dissertações de professores efetivos do quadro do Departamento de Antropologia.

³¹ O livro organizado por Beltrão (2006) apresenta um “balanço de dissertações” do Programa de Mestrado em Antropologia Social da UFPA. Estão contidos no livro os resumos das dissertações do programa defendidas ente 1994 e 2004 e diversos índices para os trabalhos (por autor, cronológico, por orientador e por título).

³² Como no caso da preferência de Howard Becker pela Antropologia Urbana explicada por ele mesmo em termos da possibilidade de fazer pesquisa de campo e, apesar disso, “dormir em sua própria cama e comer comida decente” (Becker, 2009).

³³ A maioria desses trabalhos foi desenvolvida junto à linha de pesquisa *Antropologia das Populações Amazônicas*, existente no Programa de Mestrado em Antropologia Social.

Bibliografia

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (orgs.)

2006 *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*, São Paulo, Annablume.

BECKER, Howard

2009 *The Chicago School, So-called*. Disponível em: <<http://www.home.earthlink.net/~hsbecker/articles/chicago.html>>. Acesso em: 7 ago.

BELTRÃO, Jane F. (org.)

1979 *Mulheres da Castanha: um estudo sobre trabalho e corpo*, Brasília, dissertação, IFCH/UnB.

2006 *Antropologia na Amazônia (1994-2004): balanço e resumos de dissertações*, Belém, UFPA/MPEG.

BOLETIM do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia
1895 Fascículo 1, Belém.

CANCELA, Cristina D.

1997 *Adoráveis e dissimuladas. As relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX*, Campinas, dissertação, Unicamp.

CUNHA, Manoel Alexandre

1989 *Crime: a sociedade exemplar*, Campinas, dissertação, Unicamp.

DOMINGUES, Heloisa M. B.

2008 “Tradução Cultural na Antropologia dos anos 1930-1950: as expedições de Claude Lévi-Strauss e de Charles Wagley à Amazônia”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Ciências Humanas, vol. 3(1), Belém, Abril.

FIGUEIREDO, Napoleão.

1976 “Pajelança e Catimbó na Região Bragantina”, *Revista de Cultura do Pará*, ano 6(22/23), Belém, jan.-jun.

1979 *Rezadores, Pajés & Puçangas*, São Paulo/Belém, Boitempo/UFPA.

1980 “Questões metodológicas na pesquisa do uso recente de plantas medicinais de folk em Belém, Estado do Pará, Brasil”, *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*, série A – Antropologia, Belém, UFPA.

FIGUEIREDO, Napoleão; SILVA, Anaíza Vergolino

1972 *Festas de Santo e Encantados*, Belém, Academia Paraense de Letras.

GALVÃO, Eduardo

1976 [1955] *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas*, São Paulo, Editora Nacional.

GONÇALVES, Telma A.

1999 *E o casamento, como vai? Um estudo sobre a conjugalidade em camadas médias urbanas*, Belém, dissertação, UFPA.

MAGNANI, José Guilherme

- 1996 “Quando o Campo é a Cidade: fazendo Antropologia na Metrópole”, in MAGNANI, J. G.; TORRES, L. de L. (orgs.), *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*, São Paulo, Edusp/Fapesp.

MAUÉS, R. Heraldo

- 1987 *A tensão constitutiva do catolicismo: catolicismo popular e controle eclesiástico*, Tese, Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ. [Publicada em MAUÉS, R. Heraldo, *Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*, Belém, Cejup, 1995.]
- 1999 *Uma outra “invenção” da Amazônia. Religiões, Histórias, Identidades*, Belém, Cejup.
- 2006 “Simbolismo Religião e Saúde”, in BELTRÃO, Jane F. (org.), *Antropologia na Amazônia (1994-2004): balanço e resumos de dissertações*, Belém, UFPA/MPEG, pp. 17-20.

PIÑON, Sidney

- 1982 *A farsa do prêmio: um estudo sobre a política do folclore em Belém*, Belém, Academia Paraense de Letras.

PONTE, Romero X.

- 2000 *Amazônia – a hipérbole e o pretexto*, Belém, dissertação, UFPA.

REDFIELD, Robert

- 1949 [1941] *Civilização e cultura de folk. Estudo de variações culturais em Yucatán*, São Paulo, Livraria Martins.

RODRIGUES, Carmen Izabel

- 2006 “Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença”, *Novos Cadernos NAEA*, Belém, vol. 9(1): 119-130, jun.

SALLES, Vicente

- 1988 [1971] *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*, Brasília/Belém, Ministério da Cultura/Secretaria de Estado da Cultura.

SILVA, Anaíza Vergolino e

- 1975 *O tambor das flores: uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Pará*, Campinas, dissertação, Unicamp.
- 1998 “Arthur Napoleão Figueiredo: da vida militar à Antropologia”, *Revista Antropológicas*, ano III, vol. 7, Recife.
- 2006 “Ata, Biota e Goeldi 100 anos: pelos fios da lembrança”, Comunicação apresentada como parte da Programação do Jubileu de Ouro da Associação Brasileira de Antropologia, Belém, UFPA (datilo).

SILVA, Dedival B. da

- 1991 *Os tambores da esperança: um estudo antropológico sobre a construção da identidade na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (Pará)*, Porto Alegre, dissertação, UFRGS. [Publicada em SILVA, Dedival B., *Os tambores da esperança: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na Festa de São Benedito de Bragança*, Belém, Falângola, 1997.]

SILVA, M.; SOUSA, K.

- 2007 Publicação Científica Seriada da Amazônia: O Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Trajetória e Impacto de 1984 a 2005, *Anais do VIII ENANCIB – Encontro Nacional de pesquisa em Ciência da Informação*, Salvador.

SILVA, Orlando Sampaio

- 2007 *Eduardo Galvão: índios e caboclos*, São Paulo, Annablume.

STEWART, Julian H.

- 1955 *Theory of Culture Change: the methodology of multilineal evolution*, Urbana, University of Illinois Press.

TAMBIAH, Stanley J.

- 1973 “Form and Meaning of Magical Acts: a Point of View”, in HORTON, R.; FINNEGAN, R. (eds.), *Modes of Thought*, London, Faber & Faber.

VERGOLINO-HENRY, Anaíza; FIGUEIREDO, Napoleão

- 1990 *A presença africana na Amazônia colonial: uma notícia histórica*, Belém, Arquivo Público do Pará.

WAGLEY, Charles

1953 *Amazon Town: A Study of Man in the Tropics*, New York, Macmillan. [*Uma comunidade amazônica. Estudo do homem nos trópicos*, São Paulo, Editora Nacional, 1957.]

ABSTRACT: This text aims to discuss the “space” filled by anthropological researches related to urban issues concerning the Amazon region. Considering the diverse themes connected to anthropological researches in the region, we seek to draw an specific aspect of the history of anthropological researches in the Amazon: the studies that focus the urban social realities. It is highlighted the performance of anthropologists from outside the region and their contribution to the development of native anthropologists related to researches in urban context.

KEY-WORDS: Amazon, Urban Anthropology, Ethnographic Research.

Recebido em janeiro de 2009. Aceito em agosto de 2009.